

Polissemia e produtividade lexical do prefixo *des-*: as múltiplas facetas semânticas de um morfema presente – reformulando alguns conceitos

Luizane Schneider¹

¹Centro de Educação, Comunicação e Artes – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

luizaneschneider@yahoo.com.br

Resumo. *Este trabalho tem por objetivos investigar o grau de produtividade lexical do prefixo des-, bem como as alterações semânticas por ele provocadas ao se antepor às palavras que o admitem como prefixo. Para tanto, são considerados textos do jornal on-line Observatório da Imprensa como objeto de análise, já que se refere a um ambiente lingüístico de credibilidade e situado num viés sincrônico. Para essa discussão, são considerados os valores semânticos atribuídos ao prefixo pelas gramáticas tradicionais e a grande fragilidade das mesmas ao abordar essa questão. Assim, essa pesquisa insere-se na área de Lexicologia no momento em que investiga a produtividade lexical do prefixo des-, um simples elemento lingüístico capaz de produzir inúmeros vocábulos com diferentes acepções semânticas na língua. Dessa forma, ao se ter em mãos apenas a parte morfológica para análise, qualquer pesquisa nessa área torna-se pobre e restrita. Devido a esse fato busca-se, nesse artigo, englobar outras correntes da Lingüística como a semântica, por exemplo, que trata de questões de polissemia relacionadas ao prefixo em questão. Recorre-se à teoria morfológica a partir de Basílio (1980 e 1991) e Rocha (1998) que trabalham com questões de produtividade lexical, estrutura morfológica, morfema, léxico e, principalmente, aborda-se a teoria semântica por meio de autores como Lyons (1997), Ullmann (1964) e Tamba-Mècz (2006) que tratam acerca de polissemia, homonímia, importância da polissemia no ambiente das línguas naturais. Conforme Ullmann (1964) a polissemia já foi considerada por Aristóteles um defeito na linguagem pois corria-se o risco de causar mal-entendidos na comunicação. Porém, com o passar dos tempos e com mais pesquisas nessa área, a polissemia é considerada uma virtude no ambiente das línguas, uma vez que revela o crescimento intelectual e social de um povo. Assim, percebe-se na polissemia a riqueza lingüística de um povo. Nesse sentido, é que se pretende estudar o prefixo des-, i.e., a partir de um viés polissêmico e, ao mesmo tempo, inserido no contexto lexicológico, porque ele se revela um elemento que o falante dispõe para formar antônimos, dar a idéia de intensidade, aumento, ação contrária, positividade além de outras facetas semânticas. Também, para esse artigo, entende-se a produtividade lexical não enquanto elemento de quantidade, ou seja, o número de palavras*

não importa, mas sim, a multiciência de sentidos que o des- atribui às palavras com as quais se adjunge.

Abstract (ou Resumen). *This paper intends to investigate the lexical productivity degree of the prefix des-, as well as the semantic changes provoked by it when before words that admit it as prefix. So, the analysis object is the texts of Observatório da imprensa journal because it refers to a linguistic environment of credibility and placed in a synchronic bias. This issue considers the semantic values granted to that prefix by traditional grammars and their weakness to aboard this question. On this way, this research is inserted in the lexicology area because it investigates the des-prefix lexical productivity, a simple linguistic element capable to produce several words with different semantic meanings in the language. By the way, when only the morphologic part available for analysis, any research in that area gets poor and restrict. Due to such a fact, this article intends embrace other linguistic lines as semantics, when concerning to questions about polissemia related to that prefix. It uses the morphologic theory since Basílio (1980 and 1991) and Rocha (1998) who work on morphologic structure, morpheme, lexicon and lexical productivity questions, also the semantic theory based on Lyons (1997) Ullmann (1964) and Tamba-Mècz (2006) who threat about polissemia, homonymy, and the importance of polissemia on natural languages environment. According to Ullmann (1964) the polissemia has already been considered by Aristóteles a language defect due to the risk of misunderstandings in the communication it could cause. However, with the time and with more research on that area the polissemia is considered an advantage in the language environment, because it shows intellectual and social growth of a people. So polissemia can be noted as a linguistic richness of a people. In this sense, this paper intends to study the des- prefix i.e., from a polissemic bias and, at the same time, inserted in the lexicographic context because it gets an element owned by the speaker to form antonyms, to give ideas of intensity, increasing, contrary action, positivity, and other semantic faces. Also for this article, the term lexical productivity is not an element of quantity, i.e., the number of words, but the senses multiplicity that the des-prefix gives to the words integrated by it.*

Palavras-chave: prefixo des-, polissemia, produtividade lexical

1. Suporte teórico

É fácil perceber que todo falante nativo de uma língua demonstra uma enorme habilidade para o uso dos afixos. Mesmo que não tenha a clareza do que se trata um prefixo ou sufixo, tampouco o que cada um deles significa individualmente, os falantes reconhecem o papel que desempenham junto às palavras e é por isso que ocorre a possibilidade de criação de neologismos, i.e., a renovação vocabular da língua.

Dessa maneira, os processos morfológicos instaurados pelas línguas são tão intrincados que seria muito difícil imaginar como se processariam esses elementos sem

a existência de um ambiente de armazenamento para as informações de natureza lexical e de mecanismos lingüísticos sofisticados capazes de manipulá-las. A esse ambiente chamar-se-á léxico. Define-se, portanto, léxico como sendo um lugar, seja um meio físico ou via mente humana, em que estariam os morfemas, as palavras e, em algumas situações, expressões correntes nas línguas.

Nesse sentido, morfologia e processos derivacionais são manifestações da língua que se interligam na questão da produtividade lexical. Entende-se por morfologia a parte da Lingüística que se ocupa com o estudo da estrutura da palavra, ou seja, os morfemas¹. Já os processos derivacionais são descritos por Said Ali (1971, p.229) como o acréscimo de certos elementos formativos que emprestam à palavra primitiva um novo sentido.

Em contextos mais ou menos complexos, um dos fenômenos lingüísticos que muito tem chamado à atenção dos estudiosos diz respeito à produtividade lexical que os morfemas provocam na língua. Para Andrade (2006), a produtividade lexical precisa ser focalizada a partir de uma perspectiva semântica, uma vez que está diretamente relacionada ao aspecto polissêmico e/ou multifuncional dos processos de formação de palavras. Basílio (1999), também chama a atenção para essa questão. Para ela, dizer que determinado afixo é produtivo é dizer pouco, pois é importante verificar a produtividade de uma Regra de Formação de Palavras (RFP) quando atuando sobre uma base morfológica determinada, uma vez que uma RFP pode ser mais produtiva com uma base do que com outra. Nesse sentido, é importante que afirmações de produtividade estejam circunscritas a tipos morfológicos de bases. Acrescenta-se aqui o fato de a necessidade de especificação de ambientes de produtividade não se devem limitar ao ambiente morfológico, mas sim à questão de polissemia que perpassa pelo viés semântico dos processos de formação de palavras.

Partindo-se desse ponto, o objetivo desse artigo é investigar a plurissignificação que um dos morfemas mais produtivos da língua portuguesa, o prefixo des-, incorpora à língua.

Dentre os processos de formação de palavras mais produtivos na língua portuguesa está a derivação que tanto pode ser de natureza prefixal ou sufixal. A derivação tratada aqui é a do tipo prefixal, ou seja, do afixo anteposto à base da palavra. Rocha (1998, p. 152) define a derivação prefixal como um processo de criação lexical que consiste na formação de uma nova palavra a partir do acréscimo de um morfema a uma base já existente. Para ele, um prefixo se caracteriza como sendo uma seqüência fônica recorrente, que não se constitui uma base, com o objetivo de se formar uma nova palavra [...] os prefixos apresentam identidade fonológica, semântica e funcional. Todo prefixo – assim como o sufixo – se caracteriza pelo fato de ser uma forma presa.

Com base em estudos diacrônicos, Cunha (1985) preconiza que os prefixos são mais independentes que os sufixos, originam-se, em geral, de advérbios ou preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua. Segundo o autor, a derivação prefixal

¹ Conforme Cabral (1974), um morfema representa uma unidade morfológica identificável e básica de cada palavra, cujo significado se mantém em todas as estruturas em que ocorre.

difere da sufixal por não provocar a alteração da classe gramatical da palavra com que se coliga, mas por promover uma alteração semântica considerável sobre o significado original daquela palavra.

Coutinho (1976) explica que o prefixo des- é um morfema de origem latina (de+ex ou de dis), usado freqüentemente para exprimir a idéia de separação, afastamento, ablação (ato de tirar por força), ação contrária, de cima para baixo, intensidade e reforço. Tanta multiplicidade de sentidos, embora à primeira vista pareça uma relação exaustiva e consagrada, está no centro de questionamentos e longe de uma solução definitiva.

Não constitui novidade para os estudiosos da língua o fato de as palavras ou mesmo os morfemas admitirem sentidos diversos. Com o prefixo des- esse fenômeno aparece muito acentuado. Nas línguas, a multiplicidade de sentidos provoca o surgimento de dois tipos principais de ambigüidade lexical: a polissemia e a homonímia.

São muitas as definições encontradas na literatura para estabelecer a diferença entre a polissemia e a homonímia. Para Tamba Mècz (2006), a polissemia é a multiplicação dos sentidos de uma mesma palavra com um mesmo significante aplicado a significados aparentados. Já a homonímia consiste em significantes idênticos, cujos significados não guardam entre si qualquer relação semântica de proximidade. Tradicionalmente, os homônimos são palavras diferentes (i.e. lexemas) com uma forma igual, enquanto a polissemia se caracteriza pela existência de muitos sentidos ligados entre si por um significado básico e central. Embora sejam muitos os critérios propostos para diferenciar a homonímia da polissemia, ainda não existe aquele considerado consistente e definitivo. Lyons (1987), por exemplo, coloca em dúvida o critério etimológico. Para ele, é muito difícil saber em que momento histórico uma palavra tenha assumido esse ou aquele novo significado. Várias tentativas já foram feitas nesse sentido, mas os resultados e a veracidade dos fatos, por razões diversas, tornam-se não confiáveis. O dinamismo com que as línguas evoluem e as diferentes situações cotidianas que se interpõem nesse percurso são os principais entraves para a confirmação desses resultados.

Dubois (2004, p.326) também contribui para o esclarecimento entre homonímia e polissemia. De acordo com ele, “homônimo é a palavra que se pronuncia e/ou se escreve como outra, sem ter o mesmo sentido ou ainda, é a identidade fônica (homofonia) ou a identidade gráfica (homografia) de dois morfemas que não tem o mesmo sentido, de um modo geral”. No que tange à polissemia, Dubois (2004, p. 427) a conceitua como sendo a propriedade do signo lingüístico que possui vários sentidos. Entretanto, o autor assume que a questão entre polissemia e homonímia é de difícil resolução ao afirma que se poderia buscar os critérios de distinção entre polissemia e homonímia na Etimologia, todavia seria um recurso diacrônico e provavelmente não funcionaria.

A polissemia, embora hoje estudada com maior atenção, nem sempre foi um fenômeno apreciado. Ao longo da história, muitos a censuraram. O primeiro deles e, talvez o mais importante de todos, foi Aristóteles (apud Ullmann, 1964). Para ele, as palavras de significado ambíguo serviam, sobretudo, para permitir ao sofista desorientar os seus ouvintes. Ullmann (1964) relata que os filósofos competiam uns com os outros

denunciando a polissemia como um defeito da linguagem e como um importante obstáculo na comunicação e até mesmo para um pensamento claro; uma idéia não compartilhada por Frederico, o Grande, um admirador ardente do Francês que via no significado multifacetado um sinal de prosperidade da língua. O próprio Bréal concordava com o Rei. Para ele, “Quanto mais significados uma palavra acumulou, mais diversos aspectos da atividade intelectual e social ela é capaz de representar” (apud Ullmann, 1964).

À parte todas as paixões e crenças, o fato é que se não fosse possível atribuir vários sentidos às palavras e morfemas da língua, nossa memória estaria sobrecarregada. Para Basílio (1991, p.10):

...formamos palavras pela mesma razão que formamos frases, o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos.

A multiplicidade de sentidos admitidas pelo prefixo *des-* dá a ele um caráter altamente produtivo pouco comum a outros afixos. E é justamente isso que o torna um morfema tão intrigante na Língua Portuguesa.

Percebe-se, no uso da partícula *des-*, um desejo de economia discursiva por parte do falante, pois a negação lexical, por exemplo, permite frases como “...o descontentamento em relação à situação do campo”, ao invés de frases sintaticamente mais complexas do tipo “ a falta de contentamento em relação à situação do campo”.

Porém, há casos em que a ocorrência do *des-* parece não exercer qualquer influência semântica sobre a palavra. É o que se nota com *desinquieta*. Para Coutinho (1976), “casos como esses são inexpressivos e esporádicos. O papel dessa partícula é o de ajuntar à palavra a que se agrega uma idéia qualquer e acessória”.

Contudo, essas não constituem as únicas possibilidades observadas com o prefixo *des-*. As investigações, a partir de um corpus de aproximadamente 200 frases, têm dado conta de uma grande variedade de situações em que o prefixo *des-* se revela mais produtivo do que poderia parecer à primeira vista.

Não podemos deixar de perceber que, além do caráter polissêmico do morfema em voga, seu grau de ocorrência é relativamente alto. De acordo com Alves (2004), esse fato pode possibilitar também um grau de polissemia acentuado, ou seja, quanto mais formas prefixadas ocorrerem, maior a probabilidade de novas acepções para o morfema.

2. Material e métodos: o corpus de análise

Para esse artigo, analisou-se um corpus de língua escrita extraído do jornal (*on-line*) Observatório da Imprensa. A coleta de dados iniciou-se em outubro de 2007 até abril de 2008. Foram catalogadas 200 frases em que prefixo *des-* aparece de maneira transparente, ou seja, observou-se a capacidade de se recuperar, morfológica e semanticamente, tanto a base da palavra, quanto o prefixo *des-*. Dessa maneira, formações como *destacar* e *destruir*, por não conterem uma base com significado sincronicamente recuperável, a saber **tacar* e **truir*, não são objeto dessa análise.

A escolha do Observatório da Imprensa se justifica pelo jornal ser de fácil acesso, estar disponibilizado na internet e por proporcionar um maior número de textos, inclusive mais longos do que seria possível a um veículo impresso, e isto tem reflexos importantes no que se refere à qualidade dos dados que se oferecem à análise.

É importante salientar que não se selecionou uma seção específica do Observatório da Imprensa, para que não pudesse ocorrer uma tendência a determinado valor semântico. Por exemplo, devido à situação política brasileira estar em constante descrédito, as formações podem encaminhar-se para teores semânticos negativos. Assim, pretende-se mesclar diferentes assuntos para que se possa averiguar a presença do *des-* em diferentes situações de uso, a saber, em textos escritos e baseados nos critérios da sincronia².

3. Análise e discussão dos dados

Nessa pesquisa, como várias vezes mencionado anteriormente, discute-se a ocorrência do prefixo *des-* e sua influência sobre o significado das palavras a partir de um viés morfo-semântico, i.e., entende-se que a morfologia, nesse contexto de pesquisa, não é capaz de explicar com clareza alguns fenômenos, logo, parte-se para o entendimento dessas manifestações nos apoiando na semântica, mais especificamente, na questão de homonímia e polissemia.

Considera-se que a polissemia é um fenômeno bastante marcante nas palavras. No caso do prefixo *des-*, a sua ocorrência é bastante produtiva. Sacconi (1984), por exemplo, cita uma série de significados que o *des-* atribui à palavra a qual se coliga. Dentre as gramáticas pesquisadas, Nossa Gramática: teoria e prática de Sacconi é a que relaciona uma maior incidência de valores semânticos para o prefixo, sem é claro, considerar seu ambiente de ocorrência. Apenas cita os teores semânticos de forma isolada e com poucos exemplos:

- . negação: desleal, desengano, desonra, desamor
- . ação contrária: desarrumar, desdizer
- . aumento, intensidade: desabusado, descomunal
- . destruição: desmantelar, desmoronar
- . separação: descascar, deslocar

Entretanto, na maioria das gramáticas, as variações indicadas de significados estão longe de serem exaustivas e, não raro, pouco reveladoras da potencialidade do prefixo. Para Cunha (1985) e Cunha & Cintra (2007) o *des-* exprime separação e ação contrária, apenas. São citados dois exemplos: desviar e desfazer. Na Nova Gramática do Português Contemporâneo (2007), os autores não se preocuparam em ampliar os

² Conceito importante estabelecido por Saussure nas investigações lingüísticas em que se faz um recorte da língua em determinado momento e não a partir de sua evolução de geração a geração (diacronia).

sentidos admitidos pelo prefixo *des-*, muito menos explorar novos exemplos. Isso demonstra o descaso com que determinados morfemas da língua são tratados pelas Gramáticas Tradicionais, pois apenas é listada sua origem (latina ou grega) com poucos exemplos e, no máximo, dois ou três teores semânticos.

De imediato, percebe-se a ausência de algumas possibilidades semânticas, tal como o sentido positivo que o prefixo *des-* impregna em algumas palavras. Em palavras descansar e desmascarar além de estabelecer uma ação contrária nota-se nessas palavras um sentido positivo. Embora o destaque seja para o sentido negativo, o prefixo pode carregar também consigo vários sentidos ao mesmo tempo, como em descansar que além de ser uma ação contrária a cansar, tem em sua essência algo positivo, de ganho. O mesmo ocorre em desmascarar que pode representar dois significados distintos: um denotativo (tirar a máscara – objeto) e outro conotativo (desmentir alguém), o que é positivo/digno.

As gramáticas não têm demonstrado grandes preocupações com essas situações. Nem sequer os indícios semânticos mínimos aparecem na maioria delas. Ressalta-se aqui que a única gramática que considerou outros fatores semânticos foi Nossa gramática: teoria e prática de Luiz Carlos Sacconi, mesmo assim de uma forma bastante tímida.

No corpus analisado foram encontradas oito acepções predominantes. Destaca-se que essas identificações não são exaustivas. A partir dessa investigação, apresentam-se as acepções semânticas admitidas pelo prefixo *des-*:

Teores semânticos	Palavras analisadas
1. Negatividade	<i>desinformação, despersonalização</i>
2. Positividade	<i>desobrigado, descobrimento, descansem</i>
3. Ação contrária	<i>deseMBOLSAR, desmontada, desaceleração</i>
4. Aumento, intensidade	<i>desgastados</i>
5. Separação	<i>desatrelada, descolamento</i>
6. Transformação	<i>desfigurado, degelo</i>
7. Destruição	<i>desmatamento</i>
8. Falta de harmonia	<i>desequilíbrio, desproporção, descontrole</i>

Tabela 1. Teores Semânticos do prefixo *des-*

Entre as oito acepções explica-se a primeira delas – *negatividade*.

3.1. Negatividade

O grupo a seguir informa o teor mais evidente do morfema *des-*: a característica de negatividade, ou seja, nega-se algo, prevalece aqui o sentido de perda.

(1) *A censura pode resultar em rumores e desinformação nas ruas. Observatório da Imprensa 01/01/2008.*

Em (1) observa-se que o substantivo desinformação³ indica um estado de quem tem pouca ou nenhuma informação sobre algum assunto. Ou ainda, sugere uma informação propositadamente errônea. Isso, certamente, se revela um dano ou prejuízo e, por isso, o des- imprime um sentido negativo à palavra a qual se coliga.

Já em (2), despersonalização mostra a falta ou perda de respeito pela própria personalidade, fato esse verificado em indivíduos que sofrem de determinadas doenças de foro psíquico, pois perdem o senso de identidade pessoal. Observe:

(2) *Para citar estudo recente, a pesquisadora Gisele Levy (UERJ) divulgou um resultado preocupante, que reflete a realidade de muitas cidades brasileiras: cerca de 70% dos professores de cinco escolas públicas em Niterói sofrem da chamada síndrome de Burnout, que se traduz em exaustão emocional, despersonalização e falta de realização. Observatório da Imprensa 17/12/2007.*

Percebe-se, a partir desses dois exemplos, a força semântica que o prefixo des- imprime à base da palavra. Também, pelo material coletado, as formações com teores negativos predominam, porém não são as únicas.

3.2. Positividade

Nesse grupo arrola-se o teor semântico positivo. Constata-se que a base da palavra apresenta um teor negativo e com o prefixo imprime a idéia de ganho.

Naturalmente, nas críticas ao ex-presidente foram usados dois pesos e duas medidas, pois do presidente Lula tudo se perdoa nessas questões, como se ele fosse o único brasileiro desobrigado de se submeter à norma culta, podendo falar como puder ou quiser. Observatório da Imprensa 27/11/2007

No exemplo (3), a base da palavra sugere algo forçado, sem escolha. A partir do des- ocorre a negação dessa base e, por conseguinte, reforça o caráter positivo de desobrigado, i.e., livre, que está à vontade.

Verifica-se positividade também em outros exemplos:

Os 200 anos da chegada da família real ao Brasil estão mais animados do que os festejos dos 500 anos do Descobrimento. Observatório da Imprensa 04/12/2007.

E espero que lá meus ossos descansem até se fundirem com a terra. Observatório da Imprensa 15/01/2008.

Assim, verifica-se que o des-, embora considerado por excelência um morfema que imprime negatividade, também apresenta um teor positivo conforme exemplos citados.

3.3. Ação contrária

³ Dicionários eletrônicos utilizados na definição das palavras analisadas.

<http://michaelis.uol.com.br/>

<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>

O grupo 3.3 menciona o valor semântico de ação contrária, i.e., indica uma ação transeunte ou imanente àquela expressa pela base da palavra.

(4) Mas os preços desse conversor na faixa de 500 reais, no mínimo, significa que o consumidor terá de desembolsar quase o valor de dois televisores atuais de 16 polegadas para melhorar a sua recepção. Observatório da Imprensa 04/12/2007.

(5) O assunto é nosso – nos porões de uma das naus que trouxe a Corte, a Medusa, veio uma prensa desmontada e, graças a isso, chegamos à era Gutenberg. Observatório da Imprensa 04/12/2007.

Tanto em (4) quanto em (5), o ato de desembolsar e desmontar denota algo oposto, mais especificamente, é necessário embolsar e montar para posteriormente realizar o ato inverso. Embora esse grupo apresente uma idéia de ação, é importante frisar que o conceito de ação será considerado também em nomes, como aparece nos dois exemplos que seguem. Essa ressalva deve-se ao fato de que as gramáticas tradicionais prescrevem que somente verbos imprimem idéia de ação e não mencionam nada a respeito dos substantivos.

(7) Segundo essa tese, uma desaceleração da maior economia do mundo pouco afetaria, desta vez, os grandes emergentes como China, Índia e Brasil. Observatório da Imprensa 22/01/2008.

A frase (6) apresenta um adjetivo e a (7) um substantivo. Embora sejam nomes, possuem teor semântico de ação, pois indicam resultado de uma força, movimento ou atividade.

3.4. Aumento, intensidade

O particípio de desgastar – desgastado – revela um teor reforçativo à base com a qual a palavra se coliga. Ou seja, a idéia veiculada pelo prefixo se sobrepõe à base da palavra.

(8) As medidas tributárias anunciadas quarta-feira (2) pelo governo ainda estão sendo digeridas pela imprensa, mas claramente se percebe quais setores ficaram mais desgastados com o aumento de tributos. Observatório da Imprensa 04/12/2008.

3.5. Separação

Neste grupo, tem-se formações em que o emprego do des- indica separação dos constituintes.

(9) Não é possível mais conceber a TV ou qualquer outra produção de mídia desatrelada da educação e da promoção da cultura. Observatório da Imprensa 04/12/2007.

(10) Um exemplo desse "descolamento" são os resultados de uma pesquisa mundial sobre liberdade de imprensa divulgada no início de dezembro. Observatório da Imprensa 01/01/2008

Constata-se que as sentenças (9) e (10) transmitem a idéia de afastamento, desunião e desligamento entre determinados elementos.

3.6. Transformação

Trata-se de formações nas quais a palavra apresenta transformação ou alteração na estrutura em relação à base da palavra.

O item lexical desfigurados denota algo que deformou e alterou rostos e corpos, Por isso, trata-se de uma transformação.

(11) Alguns com três pernas, com rostos e corpos desfigurados, com membros desproporcionais etc., para a diversão própria e de seus convivas. Observatório da Imprensa 08/01/2008.

(12) As revistas coloridas alarmam-se com o degelo das calotas polares e a sorte dos ursinhos brancos. Observatório da Imprensa 15/05/2008.

Em (12), considera-se o prefixo de como um processo de alomorfia do morfema des- devido a uma acomodação fonética. Assim, degelo revela uma transformação, ou seja, derrete-se algo sólido e se transforma em líquido.

3.7. Destruição

Figura-se neste grupo de acepção uma única formação encontrada em que o des- expressa um sentido de extinção, pelo ato de derrubar ou devastar.

(13) Contudo, talvez não haja razão para pânico, já que o Brasil reduziu em 60% o desmatamento nos últimos três anos, o que equivale a meio bilhão de toneladas de CO₂, ou 14% de tudo que teria que ser reduzido pelos países "desenvolvidos" até 2012. Observatório da Imprensa 01/01/2008.

3.8. Falta de Harmonia

O último grupo apontado expressa a idéia de falta de harmonia ou instabilidade.

(14) Na retaguarda, nas equipes técnicas e de produção, também se repete o desequilíbrio observado na tela. Observatório da Imprensa 17/12/2007.

(15) A desproporção entre conteúdo e publicidade verifica-se também em outros veículos de comunicação de massa. Observatório da Imprensa 04/12/2007.

(16) O DVD intitulado Tropa de Elite 3, que se acha há muito tempo nas ruas do Rio, poderia ser noticiado apenas como sintoma de dois fatos sociais maiores, para os quais só agora o poder público parece estar acordando: (1) o agravamento da violência urbana pela progressiva falta de controle sobre o tráfico de drogas e os assaltos; (2) a transformação desse descontrole em espetáculo. Observatório da Imprensa 15/01/2008.

Em todos os exemplos percebe-se esse caráter. Embora haja uma certa negatividade nesses há uma particularidade que sugere essa categoria semântica.

4. Considerações finais

A intenção neste artigo foi explorar a produtividade lexical em processos de formação de palavras, partindo de um viés semântico e tendo como foco o fenômeno da polissemia.

Observou-se que a função primordial do prefixo des- consiste em provocar uma alteração semântica à base da palavra. O prefixo não se adjunge a qualquer palavra, formando um vocábulo anômalo e incoerente, ele se combina com palavras compatíveis.

Assim, podemos afirmar que o prefixo des- é altamente produtivo ao se levar em conta os processos polissêmicos que o envolvem.

5. Referências

- ALVES, Ieda. Neologismo - Criação Lexical. São Paulo: Ática, 1990. 93 p.
- ANDRADE, Fernando Gil Coutinho de. Polissemia e produtividade nas construções lexicais: um estudo do prefixo re- no português contemporâneo. Orientadora: Margarida Basílio. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 2006. 83 p.
- ARONOFF, Mark. Word Formation in Generative Grammar. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1976. 148 p.
- BASÍLIO, Margarida. Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980. 128 p.
- _____. Formação e classe de palavras no português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2004. 95 p.
- _____. Teoria Lexical. São Paulo: Ática, 1991. 94 p.
- _____. A morfologia no Brasil: Indicadores e Questões. DELTA. Vol. 15, n.especial, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acesso em: 06 de junho de 2007.
- CABRAL, Leonor Scliar. Introdução à Lingüística. Porto Alegre: Globo, 1974. 226 p.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro técnico, 1976. 350 p.
- CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. – 4ª. ed.- Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007. 762 p.
- DUBOIS, J. et alli. . Dicionário de Lingüística. São Paulo: Cultrix, 2006. 654 p.
- LYONS, John. Introdução à Lingüística Teórica. São Paulo: Nacional, 1979. 576 p.
- _____. Semântica I. Lisboa: Editorial Presença, 1977. 269 p.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. Estruturas morfológicas do português. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998. 248 p.
- SACCONI, Luiz Antonio. Nossa Gramática: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1984. 430 p.
- SAUSSURE, Ferdinand. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1969. 279 p.
- TAMBA-MÈCZ, Irène. A Semântica. São Paulo: Parábola, 2006. 159 p.
- ULLMANN, Stephen. Semântica – uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. 577 p.